

CAPÍTULO PRIMEIRO

Agitação no Quai des Orfèvres

A partir das três e meia, Maigret começou a levantar a cabeça de tempos a tempos para ver as horas. Às quatro menos dez, rubricou a última folha que acabava de anotar, empurrou o cadeirão, enxugou o suor, hesitou entre os cinco cachimbos que se encontravam no cinzeiro e que havia fumado sem se dar ao trabalho de vazá-los em seguida. O pé, sob a secretária, premira uma campainha e batiam à porta. Limpando-se a um lenço largamente desdobrado, resmungou:

— Entre!

Era o inspector Janvier que, como o comissário, tirara o casaco, mas conservara a gravata, enquanto Maigret se desembaraçara da sua.

— Entrega isto para dactilografar. Assim que estiver pronto tragam-me para que assine. É necessário que Comélieu o receba esta noite.

Estava-se a 4 de Agosto. Pelas janelas abertas penetrava um ar quente que parecia emanar do asfalto amolecido, das pedras em brasa, do próprio Sena que, de um momento para o outro, se esperava ver fumegar como água sobre um fogão.

Os táxis, os autocarros, na Ponte de Saint-Michel, seguiam mais devagar que de costume, pareciam arrastar-se, e não era só na Polícia Judiciária que as pessoas estavam em mangas de camisa; nos passeios também os homens levavam o casaco no braço e

havia pouco tempo que Maigret notara alguns em calções, como se passeassem pela praia.

Só devia restar um quarto de parisienses em Paris e todos, sem dúvida, pensavam com a mesma nostalgia nos outros que, à mesma hora, tinham a sorte de mergulhar nas pequenas vagas ou de pescar, à sombra, numa ribeira tranquila.

— Eles já chegaram aqui em frente?

— Ainda não os vi. Lapointe vigia-os.

Maigret levantou-se com grande esforço, escolheu um cachimbo que esvaziou e que se pôs a encher, e dirigiu-se enfim para uma janela diante da qual ficou de pé, procurando com os olhos um certo café-restaurant do cais dos Grands-Augustins. A fachada estava pintada de amarelo. Havia dois degraus para descer e, no interior, devia estar quase tão fresco como numa cave. O balcão era ainda um verdadeiro balcão de estanho, à moda antiga, com a ementa escrita a giz numa ardósia, e a atmosfera a rescender a aguardente de cidra.

Ficou imóvel quatro ou cinco minutos, a fumar o cachimbo, viu um táxi parar não longe do pequeno restaurante, três homens descerem e dirigirem-se para os degraus. A mais familiar das três silhuetas era a de Lognon, o inspector do 18.º bairro que, de longe, parecia ainda mais pequeno e mais magro e que Maigret via pela primeira vez com um chapéu de palha.

O que é que os três homens iriam beber? Cerveja, com certeza.

Maigret empurrou a porta do escritório dos inspectores onde reinava a mesma atmosfera de preguiça como no resto da cidade.

— O Baron está no corredor?

— Há meia hora, patrão.

— Não há mais jornalistas?

— O pequeno Rougin acaba de chegar.

— E fotógrafos?

— Só um.

O longo corredor da Polícia Judiciária estava também quase vazio, apenas com dois ou três clientes que esperavam diante da porta dos colegas de Maigret. Fora a pedido deste que Bodard, da

Secção Financeira, convocara, para as quatro horas, o homem de quem se falava todos os dias nos jornais, um tal Max Bernat, desconhecido duas semanas antes, de repente herói do último escândalo financeiro que montava a milhares.

Maigret nada tinha que ver com Bernat. Bodard nada tinha a perguntar-lhe, no estado actual do inquérito. Mas, porque Bodard anunciara negligentemente que veria o burlão às quatro horas, nesse dia, estavam no corredor pelo menos dois dos especialistas das «pequenas notícias» e um fotógrafo. Ficariam até ao fim do interrogatório. E talvez, se se espalhasse o boato de que Max Bernat se encontrava no Quai des Orfèvres, viessem outros.

Do escritório dos inspectores, ouviu-se, exactamente às quatro horas, o ligeiro murmúrio anunciador da chegada do burlão.

Maigret esperou ainda uma dezena de minutos, volteando, fumando o cachimbo, limpando de tempos a tempos o suor, deitando uma olhadela ao pequeno restaurante do outro lado do Sena e, enfim, fez estalar dois dedos, e lançou a Janvier:

— Liga para lá!

Janvier pegou num telefone e estabeleceu contacto. No restaurante, Lognon, que devia vigiar perto da cabina, teria dito ao patrão:

— Com certeza que é para mim. Espero uma chamada.

Tudo caminhava segundo as previsões. Maigret, um pouco pesado, inquieto, reentrou no seu escritório onde, antes de sentar-se, bebeu um copo de água.

Dez minutos mais tarde, uma cena familiar desenrolava-se no corredor. Lognon e um outro inspector do 18.º bairro, um curso chamado Alfonsi, subiam lentamente a escada levando entre eles um homem que não parecia à vontade e que tinha o chapéu puxado para o rosto.

O Baron e o seu confrade Jean Rougin, de pé diante da porta do comissário Bodard, só precisaram de uma olhadela para compreenderem e precipitarem-se, enquanto o fotógrafo disparava.

— Quem é?

Conheciam Lognon. Conheciam o pessoal da polícia quase tão bem como o do seu próprio jornal. Se dois inspectores que não

pertenciam à Polícia Judiciária, mas ao comissariado de Montmartre, conduziam ao Quai des Orfèvres um fulano que escondia a cara antes mesmo de se aperceber dos jornalistas, isto só podia significar uma coisa.

— É para Maigret?

Lognon não respondeu, dirigiu-se para a porta deste, na qual bateu discretamente. A porta abriu-se. As três personagens desapareceram no interior. A porta fechou-se.

O Baron e Jean Rougin olhavam-se como se acabassem de surpreender um segredo de Estado, mas, sabendo que pensavam ambos a mesma coisa, não sentiram necessidade de comentários.

— A fotografia ficou boa? — perguntou Rougin ao fotógrafo.

— Excepto o chapéu a esconder a cara.

— É sempre assim. Envia-a o mais depressa possível para o jornal e volta a esperar aqui. Não se pode prever quando é que sairão.

Alfonsi saiu quase a seguir.

— Quem é? — perguntaram-lhe.

E o inspector pareceu embaraçado.

— Nada posso dizer.

— Porquê?

— São ordens.

— De onde vem ele? Onde é que o pescou?

— Pergunte ao comissário Maigret.

— Uma testemunha?

— Não sei.

— Um novo suspeito?

— Juro-lhe que não sei.

— Obrigado pela cooperação.

— Suponho que se fosse o assassino lhe teria posto algemas!

Alfonsi afastou-se, com ar compungido, como quem gostaria de dizer mais. O corredor retomou a calma, durante mais de meia hora não houve nenhuma ida e vinda.

O burlão Max Bernat saiu do escritório da Secção Financeira, mas passara já para segundo plano no interesse dos dois jornalistas. Interrogaram o comissário apenas por uma questão de consciência.

- Forneceu os nomes?
- Ainda não.
- Nega ter sido ajudado por personagens políticas?
- Não nega nem confessa; deixa pairar a dúvida.
- Quando é que o interrogará de novo?
- Logo que certos factos sejam verificados.

Maigret saiu do escritório, sempre sem casaco, o colarinho aberto, e dirigiu-se com ar atarefado para o escritório do chefe.

Era um novo indício: apesar das férias e do calor, a Polícia Judiciária preparava-se para viver uma das suas tardes mais importantes e os dois repórteres pensavam em certos interrogatórios que haviam durado toda a noite, por vezes vinte e quatro horas e mais, sem que se pudesse saber o que se passava para lá das portas fechadas.

O fotógrafo regressara.

- Não disseste nada ao jornal?
- Só para revelar o filme e ter os negativos prontos.

Maigret ficou cerca de meia hora no gabinete do chefe, e voltou afastando os repórteres, com um gesto lasso, para poder entrar.

- Diga-nos ao menos se isto tem alguma relação com...
- Não tenho nada a dizer por agora.

Às seis horas, o rapaz da Cervejaria Dauphine trouxe uma bandeja carregada de cerveja. Viram Lucas deixar o seu escritório, e penetrar no de Maigret: este ainda não saíra. Viram Janvier precipitar-se, de chapéu na cabeça, e sumir-se num dos corredores da Polícia Judiciária.

Facto mais excepcional: Lognon surgiu e dirigiu-se, como fizera Maigret, para o escritório do chefe. Demorou-se lá apenas dez minutos, após o que, em lugar de se ir embora, entrou no escritório dos inspectores.

- Não notaste nada? — perguntou o Baron ao seu colega.
- O chapéu de palha, quando chegou?

Era difícil imaginar-se o inspector Malgracieux, como toda a gente lhe chamava na polícia e na imprensa, com um chapéu de palha quase alegre.

- Melhor do que isso.